Aldemir Martins

5

JORGE COLI é professor do Departamento de História da Unicamp, tendo participado das coletâneas *Os Sentidos da Paixão, A Ética, O Olhar* e *O Desejo* (todas da Editora Companhia de Letras).

JORGE COLI

A palavra pensante

Muitas vezes já se destacou a singularidade de *Os Sertões*. Trata-se de um livro que não se poderia inserir num gênero, nem repetir seus processos em obra sucessiva, porque dependeu do encontro de um acontecimento excepcional e de um escritor excepcional. O acontecimento foi o enfrentar-se de duas forças díspares: o exército regular de uma república laica e os habitantes convictos de uma cidade teocrática.

Os primeiros tinham por si recursos inesgotáveis diante do caráter pontual próprio ao objeto que atacavam. E só por isso venceram; porque, desse lado, os desmandos, o desperdício, as ingenuidades fatais foram sem número. Os segundos tinham por si uma familiaridade quase orgânica com o meio no qual viviam. Possuíam também um rigor, uma economia, uma inteligência dos combates que, embora vencidos, os tornavam exemplares.

A origem do livro encontra-se numa questão

perplexa. Como era possível que um bando de fanáticos, atrasados, que não possuíam armas modernas e que não freqüentaram escolas militares, pudesse resistir tanto à força organizada de uma nação? Essa pergunta inicial não levava em conta a diferença de *natureza* entre os combatentes - ela pressupunha apenas uma distinção de grau: uns deveriam ser fracos; outros deveriam ser fortes. Como era possível que o fraco resistisse ao forte?

Euclides da Cunha responde justamente percebendo a diferença de *natureza* entre os dois universos. E, tendo que explicar Canudos e compreender o exército republicano, ele traz à baila questões cruciais: o que é o arcaico? o que é o moderno? o que é o bárbaro? o que é o civilizado?

Para esta decifração, o autor emprega ferramentas precisas: o relato rigoroso, a descrição objetiva. Além disso, possui também o arsenal teórico dessas disciplinas humanas que se queriam então - e que se querem ainda - ciências.

Ele trazia também um outro instrumento - um pouco de contrabando, e certamente não percebido pelo próprio autor no mesmo nível dos precedentemente evocados - que era, no entanto, essencial: a sua escrita. Ela possui poderes que é possível chamar de demiúrgicos e de heurísticos.

Demiúrgicos porque instala um mundo. Canudos, seus homens, sua região, seus combates, surgem ao leitor numa verdade tangível. E não apenas porque todo acontecimento histórico só existe em seus relatos, em suas análises, em suas interpretações. Mas porque Euclides da Cunha, por meio dos poderes de sua escrita, incorpora nela seu objeto, dá-lhe uma inaudita grandeza e complexidade, e o projeta no interior de nossa cultura, com ressonâncias amplíssimas.

Com *Os Sertões* de Euclides da Cunha, Canudos se torna palavra, e a palavra se torna Canudos. Nesse sentido, eu gostaria de lembar um texto curto, mas de grande pertinência, de Antonio Medina Rodrigues. Esse artigo lembra o papel da linguagem de *Os Sertões* e do engano que constitui a dissociação entre uma análise "conceitual" e uma análise "estilística" para uma compreensão plena da obra: "O fantástico mundo verbal de Euclides não pode ser tratado como uma retórica à parte, que sirva de invólucro ao quadro histórico e geográfico" (1).

É bem verdade que a grande produção histórica - ou "sociológica" - do século passado desenvolvera um admirável princípio, do qual, infelizmente, nos afastamos muito nos nossos dias - o da alta qualidade estilística como meio da inteligência e da análise, o da escrita literária concebida como lugar primordial das ciências dos homens. É muito claro que Taine, Renan, Michelet se perfilam por trás de *Os Sertões*. Este livro, porém, não se reduz aos anteriores, distancia-se de seus grandes modelos, e se distingue.

A escrita de Euclides da Cunha constrói a terra, o homem, a luta, num estilo que foge a qualquer classificação sumária. Enquanto seus períodos, feitos de antíteses e metáforas, se incham até a pauta final, até o silêncio insistente das reticências, a frase, com freqüência, se mostra aguda, incisiva. Ela anima do interior os menores objetos e as massas imensas da geologia ou da humanidade. E o fluxo das palavras traz também o fluxo interpretativo. Antes do épico da guerra, nós nos deparamos com o épico da ciência. Pouco importa, neste caso, que sua ciência seja largamente falsa. O universo do saber científico que fascina Euclides da Cunha, a cadeia das causalidades, a obsessão pela resposta precisa, o afunilamento e a expansão dos fatores que ligam particular e geral funcionam, de modo inesperado, como os elementos dinâmicos de uma poética, e atingem admiráveis momentos paroxísticos:

> "É natural que estas camadas profundas da nossa estratificação étnica se sublevassem numa anticlinal extraordinária - Antônio Conselheiro (...) o infeliz, destinado à solicitude dos médicos, veio, impelido por uma potência superior, bater de encontro a uma civilização, indo para a história como poderia ter ido para o hospício. Porque ele, para o historiador, não foi um desequilibrado. Apareceu como integração de caracteres diferenciais - vagos, indecisos, mal percebidos quando dispersos na multidão, mas enérgicos e definidos, quando resumidos numa individualidade".

Ou ainda, diante do cadáver de um soldado, quando o autor comenta:

> "E estava intacto. Murchara apenas. Mumificara, conservando os traços fisionômicos, de modo a incutir a ilusão exata de um lutador cansado,

1 Antonio Medina Rodrigues, "Estilo de Cunha é Pictórico", in "Cultura", suplemento de *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 23/V/1993, p. 3.

Aldemir Martins

retemperando-se em tranqüilo sono, à sombra daquela árvore bem fazeja. Nem um verme - o mais vulgar dos trágicos analistas da matéria - lhe maculara os tecidos. Volvia ao turbilhão da vida sem decomposição repugnante, numa exaustão imperceptível. Era um aparelho revelando de modo absoluto, mas sugestivo, a secura extrema dos ares".

Do paroxismo ao delírio há um passo apenas. Um dos críticos que se debruçaram sobre a recente tradução de *Os Sertões* para o francês, J. M. de Montremy, não hesita: "O soberbo relato da guerra de Canudos conta também o afrontamento de duas loucuras: a loucura erudita de Euclides se deixa tomar por sua loucura poética" (2).

Fluxo causal, fluxo explicativo, fluxo dos períodos e das palavras que se enleiam em imensas correntes, que carreiam a convicção da verdade objetiva e da verdade delirante. É com eles que Euclides da Cunha urde o tecido movente de seu mundo.

A palavra demiúrgica é também palavra heurística. Porque ela suscita um olhar revelador, implacavelmente rigoroso. Um outro crítico francês, Gilles Lapouge, escreve, de modo muito feliz: "É que, na medida em que ele (o livro) se escreve, ele se queima a si próprio. Esse livro arma o seu próprio auto-de-fé" (3).

Euclides possui suas convicções políticas e científicas que, certamente, não abandona. Republicano, imbuído de teorias racistas, suas interpretações poderiam ser, hoje, caducas, mortas. Mas a palavra rigorosa traz o rigor da análise. E a subversão insidiosa do próprio texto se exerce em permanência. Essa subversão extrai suas

2 In *La Croix*, Paris, 5/IV/1993.

3 In *Le Monde*, Paris, 26/III/1993, publicado em português em: "Cultura", suplemento de *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 23/V/1993, p. 7.

Aldemir Martins

forças de uma fusão única de lirismo e precisão, que permite ao escritor aguçar uma inteligência analítica excepcional. Nesse sentido, a palavra que ilumina se incendeia no particular. E ela contradiz grandemente a generalidade; e ela se contradiz, com freqüência, a si própria.

Assim, se o escritor rejeita o fanatismo de Canudos, ele denuncia os massacres cometidos pelas forças republicanas. Em realidade, centra sua narração não na revolta, mas na repressão, ou nas repressões da revolta. E o sertanejo, em princípio, o arcaico, o bárbaro, torna-se evidentemente objeto de sua admiração. Os militares, entretanto, vistos na minúcia das descrições das campanhas, surgem entre o absurdo, o ridículo, o patético e o criminoso.

O deslocamento perspectivo de Euclides da Cunha é, ele próprio, ótimo exemplo: o ardente republicano, convencido de que ia ao encontro de uma conspiração monarquista, uma Vendéia sertaneja, na imagem que ele próprio criou, fica rapidamente enojado pela imbecilidade e pela ferocidade gratuita das forças da República. Ele opõe essa estupidez cruel às prodigiosas astúcias dos insurretos, à sua inteligência e à adequação admirável que mantém com seu meio. E é impossível não contrapor a pureza, o rigor do caráter do Conselheiro, a grandeza trágica que lhe é própria e que nos revela o autor, à barbárie civilizada e racionalista de sua exumação e decapitação. Nos pretensos bárbaros encontravam-se qualidades maiores, mais elevadas, que se mostravam ausentes no mundo da razão, da ordem, da modernidade.

E seria mesmo necessário lembrar que Euclides da Cunha partiu para Canudos sabendo claramente o que era civilização e o que era barbárie, convencido de que o exército republicano era o defensor de suas próprias convicções científicas e civilizatórias? E que, ao se interrogar sobre a barbárie, ele a descobre onde não a esperava, fazendo surgir formidáveis fantasmas diante dos quais não tenta o disfarce? O final do livro nos mostra um ritual de selvageria abominável, onde os civilizados dançam horrenda sarabanda diante de um troféu ignóbil:

> "Restituíram-no (o Conselheiro) à cova. Pensaram, porém, em guardar sua cabeça, tantas vezes maldita - e como fora malbaratar tempo exumando-o de novo, uma faca, jeitosamente brandida, naquela mesma atitude, cortou-lha; e a face horrenda, empastada de escaras e de sânie, apareceu ainda uma vez ante aqueles triunfadores (...) Trouxeram depois para o litoral, onde deliravam multidões em festa, aquele crânio".

Euclides da Cunha contradiz seus pressupostos, ele os anula, condenando duas barbáries opostas: o misticismo retardatário e a modernidade cega. Zomba dos terrores que crescem artificialmente nas cidades; escarnece da falta de competência dos políticos e militares, que enviam à carnificina, sem o mínimo sentido de realismo e de bom senso, milhares de seres humanos; assinala continuamente os fenomenais equívocos que levavam os republicanos a se enganarem sempre sobre as verdadeiras razões de Canudos; faz se chocarem e se aniquilarem reciprocamente, razão e loucura, colocando, face a face, o fanatismo dos militares que gritam "Viva a República!" e o messianismo dos revoltosos.

Nisto, ele corrói as próprias teorias sobre as quais se apoiava, e abala seus mais fundamentais conceitos. Assim, por exemplo, nessa incoerência subversiva, ao mesmo tempo que opõe a "raça" sertaneja em formação à mestiçagem geral reinante no país, ele insiste sobre a diversidade racial das prisioneiras feitas em Canudos.

E, inversamente, quando os soldados, na fase final da luta, perdem seus uniformes, torna-se impossível distingui-los dos sertanejos.

Euclides da Cunha impede, portanto, o uso das definições, dos axiomas, dos conceitos que ele próprio afirma com ênfase: mas, precisamente, com ênfase tão excessiva, que isso já significa o ultrapassar de seu ponto de partida teórico. E ele nos indica, de modo exemplar, os meios contra a estreiteza e a falsidade dos raciocínios emanados de pressupostos teóricos, contra as certezas convencidas, contra as verdades proclamadas. Procedimentos que, com freqüência, habitam ainda as disciplinas das humanidades.

Os Sertões nos encaminha, assim, para uma inesperada configuração epistemológica. Canudos, arrasada pelos bombardeios, afogada pelas águas, tornou-se indestrutível e inabalável, tornou-se presente e imensa, graças a um livro cuja inteireza salta aos olhos, mas que se constrói, numa grandeza maior, sobre as ambigüidades de suas contradições.